

O BECO DE VÓ DOLA: Território negro em Vitória da Conquista/BA*

Washington Santos Nascimento^(**)

RESUMO

Esse artigo pretende analisar o território negro conhecido como Beco de Vó Dola, existente no bairro das Pedrinhas, periferia da cidade de Vitória da Conquista (BA). Pretende-se analisar a sua formação histórica, bem como o protagonismo exercido pelas mulheres na localidade. Para fazer tal estudo faremos uso, sobretudo, das memórias dos personagens envolvidos na história do Beco de Vó Dola.

Palavras-chave: Território negro, protagonismo feminino, Vitória da Conquista.

As territorialidades negras urbanas nos remetem a duas realidades históricas coexistentes: os diversos processos de resistência à escravidão e ao racismo e os processos de urbanização e segregação racial. Assim, uma categoria que unifica toda essa realidade é a de território negro. Território que vem de terra, lugar (ou não lugar). “Na sua concepção mais simples de terra que extrapola o chão que pisamos para significar todo o mundo, tudo que é extenso, tem forma, é visível a nossos olhos” (SOUZA JUNIOR, 2010).

Cada território negro, urbano ou rural, é constituído por contextos os mais diversos, por “fenômenos culturais de longa duração e de natureza complexa, compostos de fatores interdisciplinares que estão intimamente relacionados aos pequenos grupos que (se) constituem em comunidades, ligados à localidade, ao bairro, que se originaram articulando valores e princípios sociais e civilizatórios de matriz africana (RAMOS, 2010, p. 7).

Assim, ao longo da história, todas as estratégias de manutenção de uma unidade e proteção dos membros dos grupos marginalizados são formadoras da identidade, havendo uma relação entre a consciência da discriminação e as tentativas de sua superação. Há, nos bairros negros, fruto de decisões coletivas, muitas soluções espaciais de ordem morfológica e criativa, na resistência cultural desenvolvida a partir de “dentro”:

Neste artigo nos propomos a estudar um desses territórios negros, o Beco de (Vó) Dola, no bairro negro das Pedrinhas, na periferia de Vitória da Conquista, no interior da Bahia. Esse bairro é

* Este trabalho é fruto de uma série de pesquisas realizadas por Flávio José Passos em seu mestrado em Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

(**) Doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo (2009-), mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP (2007-2008), especialista em Memória, História e Historiografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (2004-2006). Especialista em Educação Superior pelas Faculdades Internacionais de Curitiba (2003-2004) e licenciado em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (1999-2003).

marcado pela violência. De acordo com a Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia, nos cinquenta primeiros dias 2011, foram assassinadas 22 pessoas na cidade, treze delas em janeiro e as demais entre 1º a 20 de fevereiro de 2011. Em 2010, foram 225 assassinatos cometidos no município – uma taxa de setenta mortes por 100.000 habitantes.

A violência das gangs rivais disputa em intensidade com a violência institucional da polícia nas abordagens, nas batidas e nas mortes. A relevância do trabalho de Suzete Lima (2010) é o de jogar luzes em uma situação presente nas cidades médias brasileiras que, por essas práticas de violência e abandono do Estado, já caminham não para se transformarem em metrópoles, mas em “necrópoles, se já não nasceram assim”. (SANTOS, 1979, *apud* SILVA, 2006).

As notícias de uma ação policial violenta nos bairros da periferia já não chocam, mesmo quando seguidas de mortes. Tal indiferença é fruto da manipulação da mídia local e estadual ao afirmarem, sem muitas provas, que “os bandidos mortos tinham passagem pela polícia”. Tais falas recorrentes provocam um imaginário e uma conformação social quanto às versões unilaterais dos policiais de que “houve intensa troca de tiros com os bandidos”. Mesmo que essas ações se desdobrem em execução sumária de corpos jovens negros, isso não gera comoção social, pois

[...] os bairros de concentração de negros e pobres são territórios que devem ser vigiados e controlados; e [...] as prisões e execuções naturalizadas e aceitas como necessárias à manutenção da ordem pública e à defesa da sociedade, combatendo os “bandidos”, “vagabundos”, “perigosos” e “delinquentes”. (LIMA, 2010, p. 13).

Tais visões reforçam uma postura de não se pensar a violência nas periferias como sendo causada pela desigualdade estrutural do país e ausência de políticas públicas de superação da pobreza.

Assim, “as Pedrinhas”, mais pelo discurso hegemônico do que pela realidade em si, muito mais complexa e rica, se constitui num bairro negro marcado por uma história que pode ser dividida em dois grandes estágios: o primeiro, da ocupação territorial, do uso do espaço e dos recursos para abrigo e sustento do grupo social. Num segundo momento, um bairro negro e mestiço transformado em um lugar de mortes anunciadas ou esperadas e da segregação social e racial. Concomitante, num primeiro momento, o bairro abrigou várias mulheres negras exercendo diversas funções comunitárias; num segundo momento, o bairro passa a ser dominado pelo medo gerado pela ação das gangs e de traficantes. No meio desse contexto, atravessando o Beco de Dola.

A LOCALIZAÇÃO E IMPORTÂNCIA DO BECO DE VÓ DOLA

O Beco de Dola encontra-se no coração da rua das Pedrinhas, surgido a partir de algumas famílias extensas ligadas a dona Zefa, dona Dola, dona Tuzinha, dona Duca e Vó Marcela, matriarcas que já partiram. Além da memória das grandes mães, no Beco pulsa a memória coletiva de homens e mulheres que protagonizaram antigas batucadas e macumba nos carnavais de rua, quando a maioria das agremiações estava intrinsecamente ligada às religiões de matrizes africanas, especialmente, barracões de umbanda (caboclo) e candomblé (angola).

Com o tempo, as batucadas foram substituídas pelas escolas de samba. Depois, vieram os blocos afros, disputando espaços nas micaretas, a partir de quando o povo perde espaço na rua e na festa (LEMOS, 1999; PASSOS, 2007). Concomitante, o bairro das Pedrinhas transformou-se em um lugar de violência das gangs, dos traficantes e da própria polícia.

O beco de Vó Dola só existe por conta da sociabilidade estabelecida nele pelo grupo da família dos descendentes das matriarcas e fundadoras do bairro. O barracão de Mãe Fátima, extensão da casa de dona Zita, é o espaço de preservação da religião de candomblé angola. E a casa, espaço de encontro, acolhida, suporte, união e trocas simbólicas da liderança exercida pelas mulheres mais velhas e compartilhada pelas de meia idade, tendo a figura de dona Zita como eixo estruturador dessa dinâmica.

Esta casa onde se realiza o culto pode possuir dimensões amplas, mas também corresponder a um espaço doméstico que num determinado momento vai servir como local de celebração. É muito provável que inicialmente, africanos e africanas cultuaram os ancestrais em lugares bastante modestos como aqueles onde eles transitavam, era um culto discreto, realizado em alguns lugares das vias públicas, sob algumas árvores, em alguns altares improvisados ao lado de santos católicos ou mesmo levados no seu próprio corpo dentro de bolsas, etc. Quando puderam, em algumas regiões do país adquiriram, em locais afastados do perímetro urbano, extensões significativas de terras, chamadas de roças. Ou mesmo, foram obrigados a se distanciar do centro da cidade, quando o culto feito através de palma não era suficiente para não despertar a polícia que de forma enérgica reprimia qualquer manifestação cultural de origem africana. (SOUZA, p. 3).

Todos esses elementos constitutivos de uma territorialidade negra, interdependentes e articulados a outras três dimensões antropológicas presentes na família de dona Zita: a “Força simbólica circulante” (MAUSS, *apud* HITA), a cultura ancestral e a matrifocalidade. Uma alimentando a outra. Há um legado ancestral cuidado, preservado e transmitido pelas mulheres mais velhas da casa, desde Vó Quelé (mãe de Vó Dola) e Vó Dola, até hoje, com dona Elza, Mãe Fátima e dona Zita, suas filhas e filhos, numa família de 150 integrantes.

Metodologicamente, foi feita uma pesquisa etnográfica tendo como centro da abordagem a compreensão das dinâmicas de sociabilidade, interação, organização de uma família negra extensa – moradora no beco de (Vó) Dola, no bairro negro da rua das Pedrinhas, na periferia de Vitória da Conquista –, dialoga com seus sujeitos enquanto agentes de uma singularidade cultural, de uma memória coletiva, de um pertencimento étnico e reilioso e, ao mesmo tempo, busca desenvolver um olhar antropológico em uma microrrealidade representativa de contextos urbanos periféricos nos quais estão inseridos os negros no Brasil e na diáspora africana, contextos muito mais amplos de determinação, inclusive.

A FORMAÇÃO DO BECO DE VÓ DOLA

As recentes pesquisas sobre o de povoamento do antigo “Sertão da Ressaca” apresentam que “[...] a ocupação negra na região de Vitória da Conquista foi anterior à ocupação portuguesa” (NASCIMENTO, 2008, p. 3). Segundo Aguiar (1998), desde a colonização, a região sobrevivia da agropecuária e agricultura de subsistência. A partir de 1940, com a construção das rodovias que cruzam a cidade, esse quadro começa a se alterar (1998, p. 2).

A partir da segunda metade do século XX, a cidade se transforma com a forte expansão demográfica e econômica, tendo sua população de 7.682 em 1940 passado para 83.814 em 1970, afirmando-se como polo econômico regional. Em 1991, a população já era de 180.603. E Vitória da Conquista – que se encontra numa grande “bacia” –, a cada década redefine mais nitidamente os recortes que já não mais se pautam nas duas antigas divisões geográficas do espaço urbano – do lado oeste da avenida Rio-Bahia, o bairro Brasil e do lado leste da rodovia, o centro e a região do Candeias, ou mesmo a primeira divisão que definia a parte alta do centro como mais nobre e a parte baixa como dos pobres.

Surgia uma nova configuração do espaço urbano com novos eixos de circulação da riqueza, poder e conhecimento e a conseqüente segregação racial na formação dos bairros e na distribuição e acesso a esses bens. Desdobramento da antiga divisão espacial, o centro – tanto de cima, quanto de baixo – passa a ser um espaço mais desenvolvido, estruturado, modernizado com os bairros mais elitizados próximos de todos os novos aparelhos instalados de serviços, universidades, igrejas, praças, bancos, comércio – Candeias, Urbis I, avenida Olívia Flores, que liga o centro ao complexo universitário.

E os morros – com pouca infraestrutura, pobres, marcadamente negros, estigmatizados como “lugares perigosos” – destacando-se os bairros de Alto Marom, Guarani, Ibirapuera, Aparecida,

Bruno Bacelar, Patagônia, México, Panorama, Alto da Colina e, principalmente, a rua das Pedrinhas. Essa, por sua vez, engloba uma região mais ampla com os bairros de Peru, rua do Cruzeiro, Vila Nova Esperança e a antiga rua da Corrente. Nos últimos quinze anos, foram construídos dois grandes conjuntos habitacionais de casas populares na cidade. O primeiro, o da Urbis VI, criando outro eixo de urbanização na cidade, no sentido sudeste, na saída para Ilhéus. O segundo, mais recente e muito maior, o Vila América, numa estratégia de aglutinar um número imenso de famílias pobres em um único espaço vindas das mais diversas regiões da cidade.

Segundos relatos colhidos na região de Campo Formoso¹, localidade de onde saiu Vó Dola com o então seu marido e alguns filhos, há cerca de sessenta anos, quando um dos três irmãos da família dos Ferraz, querendo dispensar seus então trabalhadores que moravam em uma colônia de famílias negras, oferece-lhes algumas glebas de terra, para que continuem pela região prestando alguns serviços.

Essa situação de doação de terras para famílias negras de antigas fazendas, relacionada com a ida de mulheres negras trabalharem em casas de famílias ricas na cidade e também as redes de parentescos entre famílias negras em fazendas diferentes numa determinada região, abre brechas para novos estudos historiográficos sobre a família escrava na localidade, inclusive com possibilidades de se aprofundar sobre como se davam as relações de compadrio, seguindo o modelo de estudos realizado por Washington Santos Nascimento (2008), em sua dissertação de mestrado sobre a presença do negro em Vitória da Conquista, na segunda metade do século XIX.

Nascimento (2008) debruça-se sobre “imbricadas teias familiares estabelecidas”, especialmente, entre os descendentes de João Gonçalves da Costa², envolvendo apadrinhamento, filiação de relações extraconjugais com escravas, herança de terra e disputas em torno dos bens herdados, principalmente, envolvendo Maria Bernarda, uma ex-escrava de Maria Clemência e João Freitas, com quem teve filhos, sendo esses afilhados dos filhos de João Freitas³. Euflozina, uma das filhas de Maria Bernarda, com a herança recebida, destaca-se na sociedade conquistense, ficando conhecida como Fulô do Panela (NASCIMENTO, 2008, p. 44).

¹ Em sua dissertação de mestrado, Nascimento (2008) trabalha sobre a presença do negro em Vitória da Conquista e “as referências às mulheres negras da cidade aparecem na obra de Israel Araújo Orrico (1982) que, ao estudar as mulheres “que fizeram a História”

² Um detalhe talvez relevante é o fato da família de Izaurino, marido de Vó Dola, ser da região dos painéis e a família de Vó Zita ter o sobrenome Gonçalves, o que leva Washington a supor que os antepassados de Vó Dola tenham sido escravos de João Gonçalves da Costa.

³ Ver também: NASCIMENTO, W.; SANTOS, D.; ELIANA, P. Cozinheiras, Fiandeiras, Gomadeiras...: A Escrava na Imperial Vila da Vitória (Século XIX). In: *Anais do VI Colóquio do Museu Pedagógico*. Vitória da Conquista, 2006.

Cruzando as informações do seu Paulo com as de Mãe Fátima e Vó Zita e ‘tio Pretinho’, irmão de Vó Dola, o que foi possível compreender que o senhor Izaurino, quando marido de Vó Dola, então vaqueiro das fazendas dos Ferraz, localizadas na região de Campo Formoso e Panela, parte tocando boiada pela região, deixando sua a gleba de terra pra trás. Pelos relatos de dois de seus filhos, Madrinha Elza e Ninga, e seu genro, Paulo Pereira, Vó Dola, antes de chegar na rua das Pedrinhas, andara por várias regiões com o marido, vaqueiro, numa grande itinerância:

Dona Elza: Nasci em Santa Rita de Minas, na divida de Minas com Bahia. Eu e meu irmão nascemos nessa época. Morava lá com meu pai. O pai dela era vaqueiro e saia por terra vendendo esse negócio de gado. Olha, nós pequena. Eu nasci em Santa Rita, e de Santa Rita nós fomos pra Minas. E de Minas nós fomos pra onde, Ninga?

Ninga. Pra cá do posto, Elza. Mãe saiu rodando assim, pai e o irmão lidava com tropa de animal, ele amansava negócio de animal.

Ninga. Meu pai é vivo. Ele estava vivo, estava ali nesse instante ali.

Elza. Amansava esse negócio de animal.

Ninga. Amansava burro.

Elza. Cuidava de gado. E chegava num lugar, nós ficava assim parecia um mês, nós era igual cigano, e aí achava que nós não devia ficar mais naquele lugar, nós seguia viagem. Ia embora. Eu sei que nós saía rodando, rodando, e, às vezes, saía de Itambé, de Itapetinga, aí pra dentro, com os meninos pequenos: Ilhéus, a gente veio rodando, rodando... O último lugar onde nós moramos foi aí no Marçal, em baixo daquelas pedras, naquelas casinhas ali, nós moramos por muito tempo ali. E dali nós viemos embora pra qui, pra Conquista. E aí ela comprou esta casinha aí, que Zita mora. E trabalhando de fogão para os outros e pagando naquele tempo.

Após muitas andanças pela região, compreendendo norte de Minas e sul da Bahia, ele volta com a família e se fixam em Vitória da Conquista, na região conhecida como Magassapo, entre o centro e o bairro Guarani. Um irmão de Vó Dola – “tio Pretinho sapateiro” –, antigo sócio e fundador do clube Grêmio na praça da Bandeira, também mora e trabalha na mesma região do Guarani até hoje.

Nas décadas de 1950 a 60, o contexto de migração do meio rural, principalmente, das regiões de maior estiagem, a falta de perspectiva de trabalho na cidade, os processos de reurbanização da parte baixa do centro, antes espaço de predominância de pobres e negros, foram fatores que determinantes para que dezenas de famílias negras subissem a serra do Peri Peri. Assim, o bairro surge da mudança de dezenas de famílias de diversos pontos da cidade, da zona rural do município, da região e de outras regiões da Bahia, entre as décadas de 1950 e 70. Em sua maioria, negras.

Ao se fixar no alto da serra do Peri Peri, já sem a presença do marido⁴, Vó Dola começa a organizar a vida dos seus filhos em torno de diversos trabalhos braçais e da aquisição de pequenos lotes de terra os quais, com o tempo, são passados para os filhos, sendo que duas deles – Lurdes e Elza – se casam com dois filhos – Paulo e (?) – de outra mulher que está na origem do bairro e do beco, dona Josefina. O terreno onde se encontra o beco, a casa de madrinha Elza, a casa de Vó Zita, de uma de suas filhas – Domingas – pertenciam à dona Josefina. É nesse espaço que se constitui a família de Dola que, aos poucos, cresceu ao seu redor e hoje ao redor de suas filhas, Elza, Zita e Fátima. Segundo vários relatos, a primeira moradora a se fixar no que é hoje o quarteirão onde se encontra o beco de Dola, foi dona Josefina. Mãe de dois genros de Vó Dola, casados com Elza e Lurdes. Eram dela os primeiros terrenos, que depois foram sendo vendidos para várias pessoas.

Cozinha: Dona Zefa que era dona desses terrenos todos. Ela morava aí nesta mesma casinha. Ela era mãe do Paulo (de dona Elza). E ela mandava nisso aqui tudo. Tudo aqui era dela. Ela vendeu tudo. (...) Tudo isso aqui era deles. E o pai dele chamava Marcolino. Foi eles quem vendeu isso aqui pra nós. Pra nós não, pra mãe (dona Ormindá).

A partir da pesquisa que originou este texto, conseguimos levantar a existência de mais de vinte mulheres se destacam dentre os primeiros moradores das Pedrinhas: Maria Antônia, Duca, Arcanja, Rosa, Vitória de Carolina, Ormindá, Lô Véia, Iazinha, Tu, Tuzinha, Maria Pirata, Eva, Maria de Jesus, Ana de seu Tevino, Tia Maria de Zé Polia, Maria de Zé Mário, Sabina, Vó Marcela, dona Amélia, Otaviana, Júlia, Kalu Lavadeira.

Na formação da rua das Pedrinhas predominaram dois focos de interesses: a água do poço Escuro – próxima a menos de 500 metros – e as pedras “de concreto” e areia da “serra do Peri Peri”. Com a cidade em expansão e a precariedade da infraestrutura, eclodiram problemas como o acesso à água e a materiais para as fundações. À população negra, os papéis de serviços braçais, essenciais para aquele momento. Segundo o professor Ruy Medeiros, em uma conversa informal, ele confirmou que “a fundação dos principais prédios antigos do centro da cidade foi feita com pedra tirada ali daquela região (Pedrinhas). Pois a pedreira mais próxima estava em Salvador”⁵.

Uma antiga vizinha do beco, moradora na rua das Pedrinhas, dona Arcanja, companheira de Vó Zita quando saíam de baianas nos carnavais e também companheira de frequentar as festas de

⁴ Por uma opção metodológica e pela contingência mesmo do tempo de pesquisa, não foram feitas visitas ou pesquisas aos três ex-maridos das principais matriarcas da família: senhor Izaurino Gonçalves, com mais de 90 anos, vive no bairro da Patagônia, periferia de Vitória da Conquista; senhor Eneidino, ex-marido de Vó Zita, vive no bairro Brasil e Guarani, onde tem mais proximidade com suas outras duas famílias. O marido de Mãe Fátima se mudou para São Paulo há muitos anos.

⁵ Essa conversa com o professor Ruy Medeiros ocorreu no meio da rua em um encontro casual, em 06 de março de 2011.

candomblé de Mãe Vitória de Petú, em uma entrevista em sua casa, já acamada, com 94 anos, emocionou-se ao lembrar como chegou à região:

Dona Arcanja. Eu vim pra cá em 55, eu vim com a professora Idália. Continua morando aqui e eu trabalhava com ela. Para as Pedrinhas. Quando eu cheguei aqui nas Pedrinhas, isso aqui era tudo mato. Tinha pouca casa, tinha mais era mato. Aqui não era rua não, era um caminhozinho só. Eu vivi empregada lá para baixo. Minha mãe comprou uma casinha lá para cima, quando eu saía do trabalho eu ia lá para casa de minha mãe. Depois, minha mãe me deu uma posse, uma posse de cinco metros de chão, uma posse de taipa e de enchimento e fiquei. Quando eu saía do trabalho eu ia pra casa. Aqui nas Pedrinhas mesmo, era mais pra cima. Depois eu saí. Fui pra minha casa. E aí comecei a ter filho. Não. Quando eu comecei a ter filho eu não tinha casa ainda. Quando eu fiquei grávida, mãe me botou pra fora e eu fiquei com os filhos nos braços sem saber pra onde ir. Esse povo mais velho era assim. E eu não tinha pra onde morar. Depois, o professor Orlando... não, era o dr. Orlando Leite não, ele era da minha terra e ele me deu apoio, fiquei na casa dele seis meses. E aí foi na época da revolução e ele era um professor e ele correu, foi pra Brasília e ficou com ela lá. E eu fiquei aqui na casa. (...) Eu trabalhei tanto aqui. Quebrei pedra.

Nesse momento da entrevista, ela pára, respira, pensa, começa a lacrimejar os olhos, olhando para o infinito, depois retoma a narrativa.

Dona Arcanja. Quebrava muita pedra. Hoje em dia eu to desse jeito assim porque eu já carreguei muito peso. Eu já carreguei muita telha de Peri Peri. Agora não tem mais. Tem pouca. Mas, eu já catei muita pedra aqui. Vendia as latas. E montava um monte de pedra de 200 latas e vendia. Quebrava, media e vendia. Botei muito água na rua. Trabalhei muito na casa dos outros. (...) Tirei muita água de cisterna, quando não tinha água encanada. Eu sou mãe de quinze filhos. Seis estão vivos. Sou mãe de quinze filhos. Tem dois em São Paulo e os quatro moram aqui. Eu criei não, eu olhei, quem criou foi Deus. A gente não cria ninguém não, a gente olha, zela, quem cria é aquele Pai, esse Pai que está por cima de nós. Botando água na rua, buscando lenha pra vender pra poder dar o pão esses filhos. Os homens puxavam a água de jeguinho. E as mulheres puxavam na cabeça. E graças a Deus. (...) A gente vivia aqui era de botar a água. Depois que surgiu o café, que boa parte do povo, tinha Dola mesmo que catou café aqui pro lado da Barra (Barra do Choça) e o povo vinha com o caminhão de gente para buscar. Eu mesmo já panhei café.

Os vários detalhes dessa memória de dona Arcanja apontam para uma trajetória de migração, exploração da mão de obra negra e para a busca de fixação em algum espaço. E como em outros relatos da pesquisa, é significativo que a posse da terra seja adquirida pelas mulheres. A história de dona Arcanja é uma das mais emblemáticas da vizinhança de Vó Zita, por não ter se constituído ao seu redor, nem com a mãe, nem com os filhos, um núcleo familiar e muito menos uma família extensa. Trazidas de outra região (Recôncavo Baiano), trabalham em casa de família, se separam quando Arcanja teve o primeiro filho, e ela termina seus dias sendo cuidada por uma mulher que recebe para administrar sua vida, sua aposentadoria, sua casa.

É difícil determinar qual das atividades desempenhadas pelos moradores da rua das Pedrinhas, nas primeiras décadas da povoação do bairro, tenha sido a mais forte e determinante para a sobrevivência das famílias. Em comum, eram todas atividades pesadas, insalubres, braçais. Mas, há uma predominância em termos de ciclos, talvez, possamos dividi-los em três grandes ciclos de

atividades: a água, como necessidade imediata, humana; a pedra, como complemento da renda e alicerce do desenvolvimento da cidade; e a roupa lavada que, juntamente, com os trabalhos domésticos, compunham os trabalhos das domésticas. Para as filhas de Vó Zita:

Filhas de Vó Zita. A água, a água, sem dúvida nenhum. A água e as pedras... e a lenha. Porque foi através das pedras que nós tirava o nosso sustento. E foi através da água que nós podemos tirar a nossa moradia. (...) Mas não tinha água aqui e nem lá em baixo. Tinha a água do poço Escuro, água limpa, cristalina. Lá embaixo era só água de cisterna. E hoje tem água encanada, mas naquela época era só aquela água de cisterna e era aquela água salobra e como a água do poço Escuro era aquela água doce eles não queriam beber e não queria (e era minada, a do poço, Jaíra) não queria buscar e acho que eles se achavam mais classe que a gente, então eles queriam é comprar.

Dona Zita relembra que antes de se mudarem da região de Campo Formoso, eles iam à feira na cidade, trazendo produtos para comercializar ou trocar:

Dona Zita. [...] mas não era muita coisa não. E a gente não vinha sempre não porque era muito longe. A gente punha as coisinhas no lombo do jeguinho, dois corotizinhos, um de cada lado e vinha andando. Era só assim o que tinha, o que sobrava. Tinha vez que trazia um aipim, tinha vez que trazia farinha ou mesmo um beiju. A gente trazia beiju pra vender na feira e o pessoal gostava muito. (Vó Zita, dezembro de 2011).

Certa manhã, percebi em cima do fogão à lenha da casa de Vó Zita uma cuscuzeira utilizada para outro fim. E a comentário de uma das filhas foi: “Vó (Dola) que gostava e fazia muito cuscuz. Isso aí é do tempo dela”. Essas duas informações dizem da mudança de relações de trabalho, pois no campo, mesmo em condições precárias, eles ainda traziam algo pra trocar na cidade. Dentre essas coisas, um produto da culinária regional, o beiju. Depois, na cidade, nem o beiju permanece como hábito alimentar, nem como possibilidade de comercialização na feira, sendo a mesma feira lugar de troca de latas d’água por farinha, por beiju, por alimento. Outra narrativa marcante sobre essa mudança diz respeito à luta pela sobrevivência na cidade: “Quantas vezes vó (Dola) punha a gente pra ir lá buscar farinha lá nos Campinhos”⁶. A ocupação dos moradores pode ser resumida no quadro abaixo:

⁶ Além da Rua das Pedrinhas, outros bairros negros e mestiços de Vitória da Conquista apontam para esses processos de deslocamentos e segregação. Um deles, de origem indígena, o Bruno Bacelar, fruto do deslocamento de famílias da comunidade rural de Batalha, tem sido estudada no mestrado de Renata Oliveira (2011). Já os bairros de Campinhos e Simão, em outra região da cidade, têm forte ligação com a comunidade quilombola dos Quatis dos Fernandes, localizada a menos de quatro quilômetros de distância. Enquanto o Bruno Bacelar é marcado pela relação direta das famílias que possuem ainda algum vínculo com a terra na região da Batalha, no bairro dos Campinhos e Simão, a produção de farinha diz da relação mantida com os Quatis dos Fernandes, comunidade que permaneceu sem energia elétrica até pouco tempo. Já a rua das Pedrinhas teve sua constituição firmada pelo deslocamento de famílias do baixo centro da cidade e de outras regiões rurais (Campo Formoso) e do estado, que por décadas tiveram seu sustento diretamente ligado aos recursos naturais da região: lenha, água e pedra.

TABELA 1

PERÍODO	ATIVIDADE	PARTICIPAÇÃO	PESSOAS
Ocupação das Pedrinhas Década de 1950 a 60	Carregar água do poço Escuro	Mulheres, crianças	Maria Antônia, Duca, Arcanja, Rosa, Vitória de Carolina, Orminda, Lô Vêia, Iazinha, Tu, Tuzinha, Maria Pirata, Eva, Maria de Jesus, Ana de seu Tevino, Tia Maria de Zé Polia, Maria de Zé Mário, Sabina, Vó Marcela, dona Amélia, Otaviana, Júlia, Kalu Lavadeira.
	Quebrar e vender pedras nas Pedrinhas	Mulheres, crianças e homens	
	Buscar e vender lenha da Serra do Peri Peri		
Constituição do bairro das Pedrinhas Décadas de 1970 a 80	Carregar água do poço Escuro	Mulheres	Mulheres Maria Antônia, Duca, Arcanja, Rosa, Vitória de Carolina, Orminda, Lô Vêia, Iazinha, Tu, Tuzinha, Maria Pirata, Eva, Maria de Jesus, Ana de seu Tevino, Tia Maria de Zé Polia, Maria de Zé Mário, Sabina, Vó Marcela, dona Amélia, Otaviana, Júlia, Kalu Lavadeira. Homens Mestre Vane, Guina, Juraci, Luiz Dionísio, Lubião, Paulo Pereira, Enedino, Pai Zelito, Pai Santinho Sete Diabos.
	Quebrar e vender pedras	Mulheres, crianças e homens	
	Buscar e vender lenha da serra do Peri Peri	Mulheres	
	Lavar roupa	Mulheres	
	Benedeiras, parteiras	Mulheres	
	Zeladoras, mães de santo	Mulheres	
	Casa de família	Mulheres	
	“Chapas” na Rio-Bahia	Homens	
	Café – Barra do Choça	Homens e mulheres	
Participação nos antigos carnavais	Homens e mulheres		
Bairro das Pedrinhas e a Modernização da cidade Década de 80 a 90	Casas de família		
	Lavar Roupa em casa		
	Benedeiras, Parteiras		
	Zeladoras, mães-de-santo		
	“Chapas” na Rio-Bahia		

O PROTAGONISMO FEMININO NA OCUPAÇÃO DA RUA DAS PEDRINHAS

Nos relatos da ocupação da rua das Pedrinhas, prevaleceu o protagonismo feminino. Mulheres negras que buscaram garantir um espaço para cuidar de seus filhos e também para trabalhar.

Jaira. *Aqui era só mato. Era mato e água. Aqui só tinha mesmo era uma casinha. Vó falava pra gente que logo quando ela veio pra cá não tinha casa nenhuma, que ela veio pra cá mais a mãe dela e que as casinhas era casa de palha, tipo casa de índio. Ela falava que era tipo arca de índio, casa de índio, né. E que, às vezes, tinha que ir até o poço Escuro pra tirar banana. (...) a primeira casa da dona Maria Petronilha (Vó Dola) aqui do bairro Pedrinhas foi feito com o suor dela, porque tinha muita mata e ela foi e arrancou madeira, arrancou caibro, arrancou vara e ela construiu uma casa de barro, de enchimento de barro e essa casa foi feita por ela e nessa casa que foi criado minha mãe, minhas tias, aí foi vindo, foi vindo, até chegar na gente.*

Na fala de uma neta de Vó Dola, em uma entrevista coletiva com quatro filhas de Vó Zita, temos novamente a memória da mãe da matriarca. Dona Arcanja também fala da mãe que comprou um terreno. As estruturas das construções que por décadas prevaleceram nas Pedrinhas reproduziam, além das condições financeiras das famílias negras, o modelo de moradia das casas de enchimento, como a de “tio Procópio”, que encontramos em visita à comunidade de Campo Formoso, já em ruínas por estar desabitada desde sua morte, há dois anos.

Outra vizinha de Vó Dola e Vó Zefa foi dona Ormindá, moradora do Beco, cuja uma das sete filhas continua morando em um corredorzinho extremamente pobre – codividido com outras duas casinhas nas quais moram seus dois filhos casados – ao lado do barracão de candomblé de Mãe Fátima. Por não possuir laços de sangue com a família de Dola, mas ter convivido durante toda sua vida ao lado da realidade pesquisada, ela tornou-se uma fonte privilegiada, também pela densidade de suas informações, não obstante seus constantes estados de alcoolismo.

Perguntada sobre quantos filhos a dona Ormindá tivera e quais eram as atividades deles quando criança, além de carregar água, ela responde:

Coquinha. Sete filhos. Tudo cresceu carregando água na cabeça, quebrando pedra e a lenha mesmo que nós não tinha fogão. Era cozinhava tudo era na lenha. A gente tinha de acordar bem cedo e ia pro mato. Eu e a Zita mesmo *cansou* de ir, quando eu não tinha fogão. Nós saía daqui quatro horas da madrugada, sozinha e Deus. Eu e ela. E nós em tempo de levar uma porrada na cabeça, por causa da hora que a gente ia e era lá do outro lado da Rio-Bahia. É que a gente ia muito cedo. Uma hora dessas (8h50) a gente já tinha voltado. (...) E nós ia com a latinha na cabeça, ia pra rua trocar, lá na feira nós ganhava uma gordurinha de carne, nós ganhava verdura, nós ganhava arroz, nós ganhava feijão. (...) Nós ganhava dinheiro também. Até essa Fátima mesmo, chegou a pegar água. Era eu, ela, Ângela (filha de Lourdes, irmã de Zita), Gaúcha (Filha de Zita), nós tudo pegou essa fase. E depois que foi encanando, nós não foi mais pra rua trocar água não. A gente pegava água no poço Escuro, na cabeça, com a lata. Botava lata na cabeça. Agora que está essa folia de água, mas nós pegava água na cabeça, todo dia. Botava água de ganho, deixava minha mãe sozinha mais as outras irmãs minhas quebrando pedra e eu ia botar água de ganho pros outros, pra ganhar dinheiro, pra beber café de tarde, desde eu pequena. A metade dessas meninas hoje não fazem nem o que a gente já fez. Pegava as latas e botava os baldes desses na cabeça (e nós tava já grandinha (?)) e saí assim pra vender logo de um lado. E nós trabalhava de roupa de ganho também. E nós pegava as roupas e ia lá pros fundos, lá baixo lavar. Minha mãe Dola também passava a noite toda e cada qual passava e no outro dia nós ia entregar umas e elas ficavam passando as outras. (...) Já sofri demais. É por isso que eu sou assim, meio chuladinha⁷.

⁷ A entrevista com Coquinha foi uma das mais emblemáticas de toda pesquisa. Primeiro, por ser a vizinha mais próxima do universo de Vó Dola, sem ter com a família nenhum parentesco biológico ou espiritual. Mas é a que podemos chamar de parente por consideração. Segundo, por ser filha de uma das moradoras mais antigas do Beco, Ormindá. Terceiro, por eu tê-la encontrado poucas vezes em condições favoráveis para a entrevista. Segundo porque naquela semana da entrevista, ela estava feliz pelo nascimento de mais um neto, o qual iria morar numa vielinha que existe dentro do pequeno terreno de sua casa e segundo porque eu a havia orientado em uma situação em que ela estava desesperada por não saber como pagaria R\$400,00 reais de uma suposta dívida com falsos fotografos que diziam que ela teria contraído um serviço de produção de duas fotografias de seus filhos em um estúdio improvisado no meio da rua e que agora ela teria de depositar quatro parcelas de R\$100,00 reais, sendo que as duas primeiras já haviam vencido. Mas, o fator principal de sua entrevista foi que, além dela poder retribuir uma ajuda (e num determinado momento, por conta da máquina fotográfica que eu portava na entrevista, ela me confundira com os falsários), ela também carregou de densidade e gratidão todos os depoimentos sobre a formação do Beco, as famílias de Dola e Zefa, as lideranças de Zita e Fátima.

Era com essas atividades que, principalmente, as mulheres garantiam o sustento e a sobrevivência de si e de suas famílias, “trocando água”, como relatam Kota e Jaíra, filhas de Vó Zita:

Kota: Sim, pegava água do poço Escuro e ia trocar por alimento, por verdura, por carne lá na praça, até na feira, onde hoje é a Cesa. Levava na cabeça, nos galões na cabeça. Era ela (Vó Dola), era mainha, era Fátima. Era todo mundo. Isso foi muitos anos atrás. Conquista não tinha água, né? E pegava no poço pra vender. Vendia a água. E já tinha as pessoas certas. [...]

Sobre a aquisição do terreno por Vó Dola, a versão de Jaíra dá o protagonismo da compra à avó, diferente da versão de mãe Fátima que já conta que o pai (ainda vivo), quando ele, segundo esta, teria vindo das viagens de vaqueiro (da família dos Ferraz, na região de Campo Formoso), tendo adquirido uma gleba de terra teria deixado para outra mulher na roça e comprado o terreno nas Pedrinhas para a mulher Dola. Depois de dezoito anos, ele teria reaparecido, já tendo perdido tudo, Dola não o aceitou mais, indo ele morar na periferia, na região da Patagônia, onde está até hoje. A versão contada pelas filhas de Vó Zita preservam algumas semelhanças com a da tia:

Kota e Jaíra. (...) a gente se entendeu por gente a minha avó já era separada dele, e ela evitava falar dele, porque ela só falava que ele era muito mulherengo. Às vezes, deixava ela dormindo em casa e ficava com outras raparigas na rua (rapariga é modo de dizer, tá?!). Às vezes, ele deixava ela grávida dentro de casa e ia ficar com outras mulheres. Ela chegou pra ele e disse que não dava mais. Ela tomou atitude (Jaíra). Ele não servia mais como homem pra ela. Que ele ia viver a vida dele e ela ia lavar roupa de ganho pra criar os filhos dela, que era tia, mainha, madrinha Elza, Tio Ninga, Tino, Fátima. Fátima é a caçula.

A versão a que primeiro tive acesso foi da própria matriarca do grupo, Vó Zita:

Dona Zita. Como a gente comprou isso aqui? Nós fomos os primeiros a chegar aqui. E era só mato. A gente passou carregando água na cabeça para um hotel lá no centro, acho que é hotel Conquista. Foram dez anos, sem parar. Levando água para aquele povo e também nas casas. Aí, fomos pagando de pouquinho.

Tal narrativa não está preocupada em definir quem foi que primeiro chegou, quem foi que primeiro comprou, mas em mostrar o tempo em que demorou tamanha conquista. A tônica é dada na relação do grupo com o próprio espaço. De carregar água, sem mencionar a roupa ou a pedra, dando uma dimensão do valor simbólico daquele espaço. No entanto, durante a pesquisa, um dos dados que mais oscilou na confirmação foi o da origem do bairro. Vó Dola aparece na maioria dos relatos como aquela que desbravou a mata. Mas, ouvindo sua filha, testemunha ocular dessa chegada, temos uma primeira e talvez a mais forte versão dessa chegada:

Dona Elza. Lembro, lembro. E já tinha casa, sim, né (falando com o Paulo, o marido, e Ninga, o irmão), ela comprou essa casa da mãe de Zé de Mário.

Ninga. Pouca mais tinha.

Elza. Porque aqui quem mais conhece mais do que eu é esse aqui (marido, Paulo) porque o pai dele e a mãe abriu isso aqui.



Ninga. Então quem abriu foi o pai deles então. Aqui era uma roça de abacaxi.

Flávio. Aquele dia vocês falaram o nome deles.

Ninga. Marcolino e a veia Zefa.

Elza. Aqui onde você perguntar qualquer coisa das Pedrinhas, ele sabe.

Dona Orminda, não tendo sido abandonada e nem tendo expulsado o marido de casa, vivera uma situação próxima das mulheres sem marido presente, não obstante a situação de maior miséria em que se encontra sua filha e netos, o que leva a suspeitar que as mulheres negras à frente de suas famílias desenvolveram melhores condições de vida para seus filhos do que se tivessem a presença (pouco colaborativa) dos maridos que, na maioria das vezes, mantinham outras famílias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O alinhamento das casas, os muros com passagens entre elas, os puxadinhos, as casinhas construídas nos fundos de uma casa principal, desenhos resultantes das relações familiares, com suas negociações, doações, compra/venda, concessões de espaços que determinam não só o formato, mas principalmente, a preservação de uma dinâmica social de encontro, troca, relação e proteção. Em tudo isto predominam, além dessa dimensão morfológica, as dimensões invisíveis do espaço negro do beco de Vó Dola.

Na análise dos depoimentos relativos ao beco não é possível pensar a territorialidade negra sem privilegiar as apreensões dos moradores, sensitivas inclusive, diante dos limites dos espaços da vida cotidiana como as vilas, avenidas, becos, ruas a percepção dessas dimensões invisíveis, de como são estabelecidas as demarcações de espaços, a acessibilidade aos territórios, a alteridade que se orienta pelos valores da cultura de matriz africana.

Todas as estratégias de manutenção de uma unidade e proteção dos membros dos grupos marginalizados são formadoras da identidade, havendo uma relação entre a consciência da discriminação e as tentativas de sua superação. São territórios negros à medida que se constituíram a partir da resistência às opressões geradas pelos arranjos territoriais engendrados pelo poder público.

O papel exercido pelas mulheres enquanto chefes das famílias extensas e lideranças religiosas revela a centralidade da mulher na comunidade negra, seja como mantenedora da família, seja como mantenedora da tradição, articulando a necessidade de garantir a vida – num contexto de vulnerabilidade social dos homens negros – com a defesa das tradições culturais ancestrais.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Itamar P. *Do púlpito ao baquiço: religiões e laços familiares na trama da ocupação do Sertão da Ressaca*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais, PUC-SP. São Paulo, 2007.
- BANDEIRA, Maria de Lurdes. *Território negro em espaço branco*. Brasília: Brasiliense, 1988.
- CUNHA JR., Henrique; RAMOS, Maria Estela R. *Espaço Urbano e Afrodescendência*. Fortaleza: Edições UFC, 2007.
- DA SILVA, Maria Nilza. *Nem para todos é a cidade: segregação urbana e racial em São Paulo*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais, PUC-SP, 2004.
- GUSMÃO, Neusa Maria M. Terra de mulheres. Identidade e Gênero em um bairro rural negro. *Revista de História*, n. 129-131, 1994. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003483091994000100007>. Acesso: nov. 2011.
- HITA-DUSSEL, Maria Gabriela. *As casas das mães sem terreiro: etnografia de modelo familiar matriarcal em bairro popular negro da cidade de Salvador*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Unicamp. Campinas, 2004.
- _____. *Pobreza, composición familiar e inclusión social: arrego matriarcal em um Brasil Negro*. Colômbia, 2009. Coletânea da Clasco. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/clacso/crop/zabala/09hita.pdf>>.
- HITA, Maria Gabriela; GLEDHILL, John E. Antropologia na análise de situações periféricas urbanas. *Cadernos Metrópole*, vol. 12, n. 23, p. 189-209, jan./jun. 2010.
- IVO, Isnara Pereira. A conquista do sertão da Bahia no século XVIII: mediação cultural e aventura de um preto-forro no Império Português. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. *Anais do XXIII... História: Guerra e Paz*. Londrina, 2005.
- LIMA, Suzete de Paiva. *Racismo e Violência: prática de extermínio contra a juventude negra*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. UERJ, 2010.
- NASCIMENTO, Washington S. *Construindo o "negro": lugares, civilidades e festas em Vitória da Conquista/BA (1870-1930)*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Departamento em Antropologia, PUC-SP, São Paulo, 2008.
- NASCIMENTO, Washington S.; DIAS, Eliana P. Cozinheiras, Fiandeiras, Gomadeiras...: A escrava na Imperial Vila da Vitória (Século XIX). In: COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO. *Anais do VI Colóquio... Vitória da Conquista*, 2006
- NEGREIROS, Dalila F. Raça e Desterritorialização: uma proposta de análise geográfica da diáspora africana. *Revista da ABPN*, v. 1, n. 2, p. 67-83, jul./out. 2010.
- OLIVEIRA, Célio Augusto. *Quenta Sol: a história e a memória de uma comunidade negra através da sua oralidade*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Universidade Estadual Paulista. Franca: Unesp, 2010.
- RAMOS, Maria Estela Rocha. Contextos de construção da territorialidade negra em áreas urbanas. *Revista África e Africanidades*, ano 3, n. 9, maio 2010. Disponível em: <www.africaeaficanidades.com/.../Contextos_construcao_territorialidade_negra.pdf>. Acesso: 19 dez. 2011.
- SOUZA JÚNIOR, Vilson Caetano. *Territorialidades Negras*. Disponível em: <vilsoncaetanodesousajunior.blogspot.com>. Acesso: 19 dez. 2011.

ABSTRACT

This paper analyzes the territory known as black Alley Grandma Dola, existing in the neighborhood of rhinestones outskirts of Vitoria da Conquista, Bahia. It is intended to analyze their historical formation and the role played by women in the locality. To make such a study will make use of particular memories of the characters involved in the history of Alley Grandma Dola.

Keywords: Dark Territory, female protagonist, Vitoria da Conquista.